

# MIGRAÇÕES E MUDANÇAS NO MUNDO DOS TRABALHADORES A PARTIR DAS TRAJETÓRIAS OCUPACIONAIS DE TRABALHADORES EM GUAÍRA-PR ENTRE 1970 E 2010

*Cíntia Fiorotti Lima*<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto discute como parte dos(as) trabalhadores(as) envolvidos(as) atualmente em ocupações consideradas "informais" na cidade de Guaíra-Pr, vivenciaram as mudanças no mundo dos trabalhadores que envolveram a migração do campo para a cidade entre 1970 e 2010. Para tanto, analisamos trajetórias ocupacionais de catadores de recicláveis e vendedoras de produtos por catálogo por meio de entrevistas realizadas ao longo dos anos de 2006 a 2010. Assim, refletimos como a busca por trabalho vivida junto à migração não conseguem ser explicadas somente se reduzidas às mudanças econômicas do período mencionado, mas também precisam ser analisadas a partir das experiências dos sujeitos que vivenciam tal processo histórico.

**Palavras-chave:** Trajetórias ocupacionais; Trabalhadores; Migrações.

**Abstract:** This paper discusses as part of workers involved currently in occupations considered "informal" in the city of Guaira-Pr, experienced changes in the world of workers involved migration from the countryside to the city between 1970 and 2010. For this purpose, we analyze occupational trajectories of waste collectors and sellers of products by catalog in interviews over the years 2006 to 2010. Thus, we feel as the search for work lived along the migration unable to be explained only if reduced to economic changes of this period, but also need to be analyzed from the experiences of individuals who experience this historical process.

**Keywords:** Occupational trajectories; Workers; Migration.

## Introdução

Neste texto faremos um balanço sobre alguns elementos em comum nas trajetórias ocupacionais de trabalhadores(as) entrevistados(as) ao longo de 2006<sup>2</sup> e 2010<sup>3</sup> em Guaíra-PR. Isto, porque, entre os(as) catadores(as) de recicláveis e as vendedoras por catálogo da Avon pesquisados, identificamos um passado comum com o trabalho rural e, muitas vezes, a migração ou imigração justificada pela busca de melhores condições de vida. Isto foi identificado ao procurarmos

---

<sup>1</sup> Mestre em História pela UNIOESTE e doutoranda em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: cintiafiorotti@hotmail.com

<sup>2</sup> Estas entrevistas foram pensadas ao longo do projeto iniciado em 2003, intitulado "Trabalho precarizado no Brasil contemporâneo: um estudo comparativo do extremo oeste do Paraná", coordenado pelo professor Dr. Antônio de Pádua Bosi e composto pelos alunos do curso de História Maralice Maschio, Fernando Henrique Paz, Sônia Pelisser e Francisco Vol. Este grupo estudou a realidade vivenciada por trabalhadores ocupados em trabalhos considerados "precários" e "informais", tais como a cata de recicláveis na região oeste do Paraná, mais especificamente nas cidades de Marechal Candido Rondon, Toledo, Foz do Iguaçu e, conforme meu recorte, em Guaíra.

<sup>3</sup> O segundo momento das entrevistas foi durante a pesquisa de Mestrado, no Programa de Pós-graduação em História, também pela UNIOESTE. Neste, a compreensão sobre o processo de mudanças no mundo dos trabalhadores a partir das experiências dos trabalhadores foi resultado de um conjunto de atividades desenvolvidas no programa, onde contei com inúmeras contribuições do orientador da pesquisa e discussões organizadas pelo Laboratório de Pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais, tais como os seminários e as oficinas sobre fontes orais, História e Literatura, e História e Cinema ao longo dos anos de 2007 e 2009.

compreender, com base em um estudo empírico, quem foram estes trabalhadores(as) e como se envolveram nas ocupações mencionadas no período de realização das entrevistas.

Por meio das entrevistas, buscamos entender como esses trabalhadores(as) interpretam e lidam com as mudanças no mundo dos trabalhadores<sup>4</sup>, que, constantemente, tenta promover transformações nas suas formas de viver e trabalhar. Na elaboração destas fontes orais, procuramos conhecer as trajetórias ocupacionais, o perfil dos(as) trabalhadores(as), a construção da identidade em torno do trabalho, cujos alguns dos resultados serão trazidos para este debate. Para tanto, houve um roteiro das entrevistas, mas não o seguimos exatamente conforme o planejamento, pois levantamos outras questões em meio às informações apresentadas por estes(as) trabalhadores(as), respeitando os momentos em que, muitos deles(as), faziam suas próprias seleções sobre o que julgavam ser importante, assim como, quando usavam o momento da entrevista para denunciar aquilo que julgavam como injusto em suas relações de trabalho anteriores e atuais. Foi durante as entrevistas que passamos a explorar e entender porque havia pontos em comum em suas falas. A experiência com a produção destas fontes orais nos permitiu reflexões que iam além das inicialmente planejadas.

Como metodologia para a realização das entrevistas, houve a seleção de entrevistados(as) seguindo alguns critérios, tais como faixa etária, tempo de “serviço” na ocupação e tempo de residência em Guaíra-Pr. Contudo, cabe ressaltar que tais critérios dependeram, em alguma medida, de uma rede informal constituída pelos próprios entrevistados, os quais indicavam outras pessoas para serem entrevistadas. Todas as entrevistas ocorreram na casa dos(as) trabalhadores(as), permitindo um contato mais descontraído e uma compreensão sobre a realidade econômica dos(as) mesmos(as). O fato de realizarmos as entrevistas em suas casas abriu possibilidades para que alguns membros da família pudessem participar da entrevista, oferecendo sua opinião sobre as questões levantadas e sobre os elementos presentes nas falas dos(as) entrevistados(as). As entrevistas foram realizadas aos domingos ou, então, no final da tarde, horários estes definidos visando a disponibilidade de tempo para falarem.

Cabe ressaltar, neste momento, a importância que teve a dedicação do tempo e controle da ansiedade do pesquisador para ouvir e respeitar a forma como o(a) trabalhador(a) interpreta e elabora sua própria história de vida e trabalho. Isto permitiu o acesso a sentimentos, angústias e expectativas que o sujeito constrói conforme vivencia uma série de problemas e mudanças comuns a outros trabalhadores. Com esta experiência de elaboração das fontes orais, os(as) trabalhadores(as) entrevistados(as) contribuíram para a compreensão da experiência como algo compartilhado com outros sujeitos, e não reduzida individualmente.

Ao vivermos esta experiência de pesquisa, percebemos que elaborar fontes orais também requer o exercício de construir junto a estas pessoas parte de suas vidas. Assim, tentamos criar condições para que o(a) entrevistado(a) pudesse refletir e construir sua interpretação, buscando proporcionar a troca de experiências sobre os assuntos abordados e o “compartilhar social dos sentidos e significados que ambos atribuem à realidade social”, fazendo da entrevista um “experimento de igualdade” (POTELLI, 1997).

Contudo, procuramos fazer deste experimento de igualdade uma relação que assegurasse nosso próprio lugar na entrevista, ou, como avaliam Bosi e Varussa (2006, p. 45), “[...] só podemos compreender ‘experimento de igualdade’ de um ponto de vista social compartilhado, ou seja, de um ponto de vista da própria classe. Intelectuais, mas trabalhadores, o que significa explicitar, sempre, o lugar de onde falamos, de onde olhamos”. Assim, buscamos compreender como os sujeitos interpretam os processos históricos de mudanças ao longo de suas trajetórias, articulando os elementos identificados nas entrevistas com as realidades que eles vêm experimentando em seu cotidiano.

## **1 Mudanças no mundo dos trabalhadores e trajetórias ocupacionais de catadores(as) de recicláveis e vendedoras de produtos por Catálogo**

---

<sup>4</sup> Ao falar sobre “mudanças no mundo dos trabalhadores”, pretendemos abordar e entender para além das mudanças objetivas vividas pelos trabalhadores no capitalismo, ou seja, buscamos compreender como eles experimentam e interpretam estas mudanças ao longo de suas vidas. Assim, cogitamos entender “história do trabalho” como “história dos trabalhadores”, e não somente das técnicas do trabalho.

Nas entrevistas com as trabalhadoras envolvidas com a venda de produtos por catálogo<sup>5</sup> e com catadores(as) de recicláveis<sup>6</sup> de Guaiá, muitos relataram uma experiência comum de perdas das condições de continuarem em suas ocupações anteriores no campo e, em muitos casos, em suas cidades de origem, fosse como trabalhadores(as) contratados por dia ou como pequenos(as) proprietários(as) rurais. Tais elementos nos levaram a pesquisar dados do IBGE, os quais possibilitassem relacionar a existência e a repercussão de algumas mudanças no mundo dos trabalhadores entre as décadas de 1970 e 2000 nessa parcela de trabalhadores(as) pesquisados(as) da cidade de Guaiá.

De acordo com as informações apresentadas pelo IBGE<sup>7</sup>, houve em Guaiá uma inversão entre a população ocupada no campo e na cidade entre as décadas de 1970 e 1980, com um brutal declínio de 66% no número de trabalhadores(as) envolvidos em atividades voltadas à produção agropecuária. Neste mesmo período, também observa-se mudanças no tipo de cultivo agrícola após a substituição do cultivo de hortelã, algodão e produtos de subsistência, antes produzidos em pequenas comunidades, dentro da esfera doméstica e da pequena propriedade pela monocultura de soja, trigo e milho que, cultivados em grande proporção, criaram a dependência da utilização de maquinários, tais como colheitadeiras e tratores, além do uso extensivo da terra. Dessa forma, as inovações tecnológicas também são percebidas, naquele momento, como articuladas às tentativas sistemáticas do capital de baratear as despesas com a mão de obra.

Tais dados, quando analisados junto à concentração de terras em Guaiá, possibilitam compreender a relação entre a mudança de cultivo e a redução do número de trabalhadores(as) ocupados(as) no campo. Houve entre os anos de 1970 a 1985, 53% de redução no número de propriedades rurais, sendo 10% destas decorrentes da construção da barragem utilizada pela hidroelétrica de Itaipu. Isto nos leva a acreditar que essa brusca alteração das culturas produzidas na área rural entre as décadas de 1970 a 1980, junto à construção da barragem, proporcionou o desaparecimento de inúmeras pequenas propriedades e de modos de viver, sobretudo ao compará-la com a queda do número de trabalhadores(as) ocupados(as) no campo e a predominância desta população na cidade durante o mesmo período.<sup>8</sup>

---

<sup>5</sup> A Avon as chama de “revendedoras”, a Natura de “consultoras”, e a ABEVD se referencia a todos os trabalhadores com este tipo de “relação de trabalho” como “vendedores diretos”, ou mesmo “revendedores”. A princípio, passei a analisá-las como “revendedoras”, porque elas compram os produtos por meio de um cadastro feito em seus nomes e, depois que estes produtos chegam as suas casas, elas os “revendem” para as pessoas que os encomendaram. Entretanto, na maioria das vezes, elas os vendem antes de comprá-los da empresa, pois os oferecem para “seus clientes” por meio dos catálogos. São poucas as trabalhadoras que têm poder aquisitivo para comprar os produtos sem algum cliente ter, de fato, comprado ou encomendado. Praticamente toda compra de produtos da Avon ou da Natura ocorre por meio de uma “revendedora” e/ou “consultora”. Compreendemos que o que estas trabalhadoras fazem é vender os produtos para estas empresas, numa relação que retira toda a responsabilidade da empresa sobre as despesas e prejuízos que o processo de venda venha a implicar, bem como de qualquer responsabilidade sobre depósito de fundo de garantia, pagamento de férias, salário mínimo, jornada definida, entre outros. A partir dessa análise, chegamos à conclusão de que, ao chamá-las de revendedoras, estaríamos caindo numa armadilha da própria forma como o capital organiza esta força de trabalho, contribuindo, por vezes, para afirmá-las como “autônomas”. Seguindo este raciocínio, entendi que estas são trabalhadoras envolvidas na venda de produtos por catálogo. Portanto as chamamos de vendedoras de produtos por catálogo e/ou pronta entrega das empresas Avon, Natura, ou outra empresa com este tipo de “relação de trabalho”.

<sup>6</sup> Com os catadores de recicláveis houve projetos da Itaipu, desenvolvidos em parceria com os poderes públicos municipais, que objetivavam organizar associações em alguns municípios da Costa Oeste do Paraná. Nestes projetos, distribuíram-se roupas e carrinhos para os catadores, os quais levavam o nome de “agentes ambientais”. Um dos motivos por não fazermos o uso deste termo é porque os trabalhadores entrevistados identificavam-se como catadores. Além disso, há pesquisas que problematizam estas ações da Itaipu, por exemplo: PELISSER, Sônia. **Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis**: um estudo sobre a precarização e a organização do trabalho em Foz do Iguaçu/PR (1990-2009). Dissertação de Mestrado. Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, 2010.

<sup>7</sup> Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio (PNAD)/IBGE, 2008.

<sup>8</sup> In: FIOROTTI, Cíntia. **Mudanças no Mundo dos Trabalhadores**: Um Estudo Sobre as Vendedoras de Produtos por Catálogo Avon e Natura. Dissertação (Mestrado em história). Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, 2009. \_\_\_\_\_. **Catadores de Recicláveis no município de Guaiá-PR (1970 a 2006)**. Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, Colegiado do Curso de História. 2006.

Estes fatores desmobilizaram uma imensa quantidade de pessoas que se dependiam do trabalho no campo, de modo que tanto trabalhadores(as) rurais “empregados(as)”, como os pequenos(as) proprietários(as) sofreram uma mudança radical em suas vidas ao perderam as condições de trabalho e dos seus modos de viver no campo.

Dentre os(as) trabalhadores(as) que, inicialmente, experimentaram sua inserção no mundo dos trabalhadores em ocupações rurais, muitos(as) seguiram suas trajetórias em diferenciados tipos de ocupações. Poucos deles(as), ao longo de suas trajetórias ocupacionais, tornaram-se vendedoras de produtos da Avon, assim como, uma parcela deles(as), encontram-se envolvidos com a cata de recicláveis, bem como com a construção civil e com o serviço doméstico. Apesar dos dados do IBGE indicarem uma realidade de fácil compreensão, eles não revelam a trajetória desses(as) trabalhadores(as) como sujeitos. Portanto, evitando homogeneizar a classe trabalhadora, pretendemos analisar as trajetórias ocupacionais para compreender porque e em que condições estes(as) trabalhadores(as) começaram a trabalhar na venda de produtos por catálogo ou na cata de recicláveis. Além disso, buscamos compreender, por meio das entrevistas, o que representou para estes(as) trabalhadores(as) a passagem de um modo de vida para outro, bem como, de uma ocupação para outra.

Os(as) trabalhadores(as) envolvidos(as) neste tipo de relação de trabalho, denominados, na maioria dos casos, como “autônomos”<sup>9</sup>, têm representado uma categoria com sensível crescimento nas últimas décadas do século XX, pois, conforme dados divulgados pelo IBGE, em 2002, essa força de trabalho chegou a constituir 58% do total da população ocupada no Brasil. Também estão incluídos nesta categoria os(as) trabalhadores(as) envolvidos(as) na cata de recicláveis e na venda de produtos para empresas como a Avon.

No caso da Avon, a empresa utiliza a força de trabalho dos vendedores de seus produtos sem reconhecer nenhum direito trabalhista, como carteira assinada, fixação de jornada de trabalho, definição de salário, depósito de fundo de garantia etc.<sup>10</sup> As empresas se eximem de qualquer custo social na utilização do trabalho dos vendedores de seus produtos.<sup>11</sup> No ano de 2007, a ABEVD apresentou 380.000 mil vendedores cadastrados, o dobro da quantidade de força de trabalho envolvida e cadastrada com as empresas associadas que atuam com este tipo de “relação de trabalho” em 1998. Em Guaíra, tornou-se expressiva a presença destas trabalhadoras entre o final dos anos de 1990 e 2000. Em 2007, a Avon possuía aproximadamente 180 trabalhadores(as) cadastrados(as) na venda de seus produtos. Entretanto, o número de trabalhadores(as) realizando a venda de produtos da Avon em Guaíra é bem maior do que os documentos de cadastro são capazes de capturar. Há trabalhadoras que realizam a venda sem o cadastro, porque não atendem aos critérios ou ao perfil pretendido pela empresa.

Já os(as) trabalhadores(as) envolvidos na cata de recicláveis, estes despontaram durante a década de 1980 como uma força de trabalho cada vez mais presente em grandes centros urbanos no país.<sup>12</sup> Em

---

<sup>9</sup> As formas de trabalho denominadas como “autônomas” e em “serviços” podem ser analisadas à luz das tentativas do capitalismo de desconstituição da noção de relação de trabalho que, por óbvio, envolve empregado e empregador. A pessoa que exerce essa função de suposto “autônomo” é “estimulada” a se ver como um “empresário” que age autonomamente no mercado, fazendo sua própria sorte. As empresas que lucram com isto tentam construir a imagem de que trabalhadores não são pessoas que têm sua força de trabalho explorada pelo capital, mas que estão num mesmo patamar dos capitalistas proprietários “dos meios de produção”. Assim, tais práticas capitalistas contribuem na tentativa de encobrir, ou disfarçar, o antagonismo entre as classes sociais. As ações dos capitalistas no processo de reprodução tomam o sentido de acabar com a percepção que o trabalhador tem quando realiza o seu próprio trabalho, de que ele é explorado, de que ele pertence a outra classe.

<sup>10</sup> Conforme a definição do Estatuto do Vendedor Direto: “O vendedor direto no Brasil em geral é um revendedor autônomo e independente, que adquire produtos das empresas de vendas diretas e os revende aos seus clientes, com uma margem de lucro. Portanto, os revendedores possuem natureza jurídica de comerciante.” ABEVD. Estatuto Social. Disponível em: <<http://www.abevd.org.br>>. Acesso em: 8 julh. 2007.

<sup>11</sup> Atualmente, o contingente destes trabalhadores no Brasil alcança o número de aproximadamente “1,8 milhões” de vendedores, entre os quais quase 900 mil envolvidos na venda de produtos para a Avon. Os dados são apresentados pela Associação Brasileira de Empresas de Vendas Diretas. Cf. WFDSA. MissionStatement. Disponível em: <<http://www.wfdsa.org>>. Acesso em: 8 julh. 2007.

<sup>12</sup> Conforme Márcio Magera (2003), no Brasil, essa força de trabalho diretamente envolvida na cata de recicláveis é de aproximadamente trezentos mil trabalhadores, e indiretamente são um milhão de trabalhadores envolvidos com a cata. A

Guaíra, estes(as) trabalhadores(as) também passam a ser expressivamente "notáveis" a partir da década de 1990, onde ocorre um aumento significativo da presença de trabalhadores(as) recolhendo materiais recicláveis, como papel, plástico e alumínio dentro do espaço urbano.

O crescimento de trabalhadores semi-ocupados e desempregados durante a década de 1970<sup>13</sup> expressou para o capital, em meados de 1980, um grande contingente de força de trabalho em reserva, sendo percebidos pelo setor de reciclagem como uma força de trabalho importante para tornar a reciclagem um negócio viável. No momento em que parte desses trabalhadores em reserva são convertidos em catadores de recicláveis, seu trabalho deixa de agir como complemento à reprodução da força de trabalho e passa a beneficiar diretamente a acumulação dos setores de reciclagem<sup>14</sup>.

Observando esses(as) catadores(as) trabalhando nas ruas à procura de recicláveis, é perceptível as condições precárias de trabalho e de vida dessas pessoas, que fornecem sua força de trabalho em torno da cata de recicláveis. Ao pensar os(as) catadores(as) a partir de suas trajetórias ocupacionais, verificamos que se tratava de trabalhadores(as) desmobilizados(as) de suas habilidades de trabalho e de ocupações anteriores, deixados(as), em sua maioria, de serem percebidos(as) como interessantes para as exigências do mercado de trabalho ao qual estavam inseridos, entre alguns motivos, pela redução da necessidade do uso da força de trabalho ou por possuírem algum tipo de problema de saúde.

Dentre os catadores(as) pesquisados(as), a maioria deles(as) foram trabalhadores(as) ocupados(as) no campo e apresentaram trajetórias ocupacionais marcadas por ocupações precárias por não conseguirem se inserir no mercado de trabalho urbano. Eram filhos(as) de empregados(as) rurais ou pequenos(as) proprietários(as), que foram adquirindo habilidades no trabalho ao ingressarem desde crianças junto à família no cultivo agropecuário. Já alguns dos(as) catadores(as) tiveram sua trajetória composta por ocupações urbanas que não exigiam qualificação profissional e escolaridade. Conforme foram perdendo o espaço no mercado de trabalho foram se inserindo na cata de recicláveis, sendo inicialmente, uma ocupação provisória que, ao longo do tempo, tornou-se permanente.

Neste sentido, a trajetória ocupacional de Airton da Silva Vales, 41 anos, é representativa. Nasceu em Oliveira Castro, um distrito de Guaíra, no Paraná. Seus pais eram trabalhadores rurais, e seu aprendizado para o trabalho ocorreu na agricultura. Devido às condições socioeconômicas de sua família e a distância de sua moradia até as escolas com a segunda fase do ensino fundamental, só conseguiu estudar até a quarta série. Aos 39 anos, não conseguiu mais se manter no sítio e foi morar na área urbana junto com seu irmão, sua esposa e três filhos para tentar alcançar o necessário ao sustento da família. Procurou trabalho na cidade, mas teve dificuldades por não possuir habilidades em trabalhos urbanos e, logo, ingressou no trabalho de servente de pedreiro, atuando durante dois meses. Há

---

expansão deste setor possui relações com o expressivo aumento de trabalhadores sem ocupação fixa, sendo integrados ao funcionamento do capitalismo. Portanto, este contingente de trabalhadores desocupados, convertidos em catadores, possibilitou a ampliação do setor industrial de reciclagem. O trabalho ocupado na cata representou um negócio lucrativo para os setores envolvidos na reciclagem por expressar uma mão de obra a baixo custo, isenta de salário fixo e jornada de trabalho sistemática, que possibilitasse a produção de vasilhames e embalagens com preços baixos o suficiente para competir com o já existente mercado produtor de derivados das matérias primas encontradas na cata. Entretanto, a exploração dessa força de trabalho leva a perceber a necessidade do capitalismo conservar parte dos trabalhadores sem uma atividade que lhe dê estabilidade financeira para garantir sua sobrevivência, bem como qualquer tipo de contrato ou legalidade trabalhista a fim de manter uma reserva de força de trabalho, indispensável ao circuito de reprodução do sistema capitalista (MAGERA, 2003).

<sup>13</sup> No Brasil, em meados da década de 1970, os trabalhadores considerados desempregados, ocupados parcialmente ou completamente em atividades tidas como informais, eram denominados como "trabalhadores por conta própria". Ao analisar trabalhadores, Reginaldo Prandi (1978) questionou a noção do trabalho por conta própria como uma oportunidade de conseguir aumentar sua renda. Segundo esse autor, esta "escolha" ou "opção" escondia a expulsão gerada pelos baixos salários, ou pela intensa exploração da força de trabalho. Estes trabalhadores, os quais não conseguiam retornar ao mercado de trabalho formal, foram inseridos em ocupações voltadas a produzir somente "se o trabalho específico fosse socialmente útil" <sup>13</sup>, ou seja, eram trabalhadores que reparavam bens de consumo e prestavam serviços para a classe trabalhadora empregada, agindo no sentido de baratear o custo da reprodução da força de trabalho e, logo, promover indiretamente o aumento da extração de mais-valia, pois "A lógica geral está no barateamento de mercadorias que contribuem para o barateamento da força de trabalho" (PRANDI, 1978).

<sup>14</sup> Cf. BOSI, Antônio de Pádua. A organização capitalista do trabalho "informal": o caso dos catadores de recicláveis. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 23. n. 67, 2008.

aproximadamente um ano recebeu ajuda de seu vizinho para começar a cata reciclável e, devido às necessidades que a família vinha passando sua esposa também ingressou na cata. Assim ele descreve sua trajetória ocupacional:

[...] Eu trabalhava na roça, plantava lá, sempre trabalhei lidando com a roça. E, antes de cata, eu trabalhei poucos dias, uns 60 dias como servente. [...] Olha, a gente trabalha porque não tem outro jeito mesmo, não tem outro serviço, mas é só esperar aparecer outro serviço que eu paro e a mulher continua [...]. (informação verbal)<sup>15</sup>.

A trajetória de Airton é bem emblemática para representar as dificuldades encontradas pelo(a) trabalhador(a) que perdeu a condição de se manter no campo e passou a procurar trabalho na área urbana. Este possuía habilidades para uma ocupação que, aos poucos, foi perdendo o espaço no mercado de trabalho no campo. Ao ser expropriado desta atividade, passou a procurar alternativas de ocupação na cidade. Porém, devido à baixa escolaridade e a falta de qualificação para exercer trabalhos urbanos, que forneçam melhores condições de vida, o entrevistado não teve outra opção de trabalho que não fosse a de auxiliar de pedreiro. Este trabalhador ainda expressou em sua entrevista a necessidade de procurar outro trabalho para conseguir suprir as necessidades de renda da família. Mesmo com o ingresso da esposa no trabalho da cata, esta ocupação ainda tem se mostrado insuficiente.

Embora a cata tem se mostrado como uma atividade de baixa remuneração para sua família, ela tem sido avaliada como uma atividade que garante minimamente esta renda. Tendo em vista estas condições, o entrevistado não indicou o reconhecimento da cata como sendo um trabalho com o qual ele se identifica, mesmo não tendo conseguido se fixar em outra ocupação urbana e estando há mais de um ano nesta atividade.

Quando alguns dos(as) catadores(as) entrevistados(as) descrevem o ingresso na cata de recicláveis, eles se referiam à cata como se fosse um trabalho provisório, mesmo quando já haviam perdido a condição de se manter no trabalho anterior. Contudo, estes trabalhadores revelam exercer o trabalho da cata entre aproximadamente 1 a 5 anos. O não reconhecimento de uma ocupação que se demonstra, aparentemente, permanente permite supor que a cata não os ofereceu melhores condições de vida e trabalho. Outro fator pode estar vinculado à identidade que o sujeito carrega sobre a ocupação a qual ele domina alguma habilidade e perdeu a condição de continuar exercendo, mas ainda leva consigo essa identidade.

Ao observar esta entrevista e dos(as) demais catadores(as) pesquisados(as), é possível perceber que grande parte deles tiveram seu aprendizado para o trabalho voltado à produção agropecuária, implicando no despreparo para ocupações urbanas. Quando ocorreram alterações na estruturação do trabalho entre 1970 a 2000 em Guaíra e na região Oeste do Paraná, sofridas tanto pela intervenção de capital estrangeiro como pelo auxílio de uma política nacional que incentivou por meio de financiamentos e da criação de diversas facilidades a implementação de uma forma de produção, as oportunidades de trabalho no campo reduziram brutalmente, enquanto as ocupações urbanas aumentaram.

A cata de recicláveis passou a ser exercida como uma das poucas formas possível de obter uma renda necessária à sobrevivência destes trabalhadores entrevistados, os quais perderam as condições de trabalho no campo. Isto pode ser exemplificado com a trajetória ocupacional do catador Alberto Nehring, 62 anos, que foi pequeno proprietário rural e alegou que, por motivos de doença na família, precisou vender suas terras. Conseguiu comprar um pedaço de terra menor no Paraguai, porém, não logrou permanecer neste trabalho. Ao perceber que não tinha mais como viver do trabalho na terra, mudou-se para Guaíra, onde comprou uma casa na Vila dos Pescadores. Em Guaíra, não conseguiu retornar a sua antiga ocupação, e passou a pescar devido à ajuda que recebeu de alguns dos moradores do bairro onde reside. Entretanto, esta renda se mostrou inferior ao necessário a sua sobrevivência, precisando ingressar no trabalho da cata. Ele descreve:

---

<sup>15</sup> Airton da Silva Vales, entrevista gravado em abril de 2005.

[...] Bem dizer eu era agricultor. Meus pais, minha mãe me ensinaram a trabalhar. [...] Eu tinha uma propriedadezinha. Casei já com problema, minha esposa ficou doente, logo tivemos uma filhinha que também adoeceu [...]. Naquela época, minha mãe deu uma herança, nós repartimos sete alqueires de terra, daí eu fiquei com três alqueire e meio e cuidando da mãe. Daí foi indo que eu cabei com as criações, foi indo porquinho, vaca de leite, boi e tudo pra tentar conseguir recuperar a saúde da minha filha. Daí ficamos desnorteado, acabamos indo pro Rio Grande do Sul, que eu sou natural de Santa Rosa, daí não deu certo, zerô tudo. Nós fomos pro Paraguai, eu tava vendo que nós ia ficar sem nada. [...] Falei para minha esposa, para gente vender o que sobrou e vir embora para Guairá, [...] Daí eu comecei a varrer rua por uns tempos, só que o patrão me mandou embora. Aí foi que eu comecei a pescar junto com uns rapazes, eu num tinha material, eles começaram a me dar umas cordas, umas redes velhas, me ajudaram, me deram uma oportunidade pra eu começar. Só que foi indo, que a pesca não deu mais pra viver não, então eu precisei começar a catar papel. Agora eu deixo a rede e só vou retirar no domingo. Foi assim que eu entrei na cata, eu comecei a catar latinha e papel pra poder viver. E já vai fazer doze anos que eu to catando. Graças a Deus, temos esse pouquinho aí, mais é lutado. Dá pra sobreviver, mais é fazendo economia [...]. (informação verbal)<sup>16</sup>.

A trajetória de Alberto é marcada pela constante perda das condições de trabalho e sobrevivência. A partir do momento em que ocorre a repartição da renda da família e a tentativa incessante de superar os problemas de saúde na família, ele não consegue mais se manter como trabalhador no campo somente com a produção de subsistência. Procurou meios de sobrevivência, como a saída para o Paraguai e, posteriormente, o ingresso em ocupações precárias tanto urbanas como rurais, tal como a pesca, iniciada a partir da solidariedade de seus vizinhos pescadores que o ajudaram cedendo alguns materiais de trabalho. Não conseguindo sobreviver somente com a pesca, este trabalhador, com uma longa e marcante trajetória ocupacional, precisou iniciar a catação e a venda de materiais recicláveis. A fala desse sujeito surge como especialmente emblemática por não demonstrar apenas a trajetória ocupacional dele, mas também permitir perceber que, apesar de toda a falta de condições de vida, ainda existe o esforço dele em sobreviver.

A saída do Paraná para o Rio Grande do Sul apresenta a expropriação sofrida por inúmeros pequenos(as) proprietários(as) rurais pela concentração de terras durante as décadas de 1970 e 1980, na região Oeste do Paraná. Aos poucos, a produção de subsistência do pequeno proprietário rural foi sendo absorvida pelas mudanças no modo de produção, combinadas à mudança do cultivo, tornando a produção anterior insuficiente para gerar uma renda necessária a cobrir as despesas da família, principalmente quando eram despesas não esperadas.

Neste caso, observa-se que Alberto exerceu trabalhos que, aos poucos, foram sendo suprimidos com a reprodução do sistema capitalista. Este trabalhador começou a exercer a cata como uma atividade paralela à pesca para obter uma renda suficiente às suas necessidades de sobrevivência. Tendo em vista suas necessidades de renda, a cata veio a se tornar uma das suas principais fontes da mesma, permanecendo nesta ocupação cerca de doze anos. Estes elementos, relacionados à trajetória ocupacional, levam a perceber que, antes do ingresso na cata, houve tentativas de ingresso em outras ocupações, além da busca incessante em procurar condições de sobrevivência com o trabalho no campo. Seguindo essas informações, também se constata que estes trabalhadores sempre estiveram

---

<sup>16</sup> Alberto Nehring. Entrevista gravada em junho de 2006. Embora ele não tenha mencionado, o esforço feito, que justificou, inclusive, essa peregrinação, não foi o suficiente para evitar a morte da filha. Seu Alberto se apegou à religião para conseguir superar as dificuldades vividas e, mesmo recorrendo à lembrança de tantos sofrimentos, ele só veio a se emocionar tristemente durante a entrevista quando foi indagado se havia sofrido algum tipo de ofensa enquanto catava, demonstrando, além de outros elementos, o ressentimento pelo não reconhecimento de seu esforço de vida e o desempenhado em sua trajetória ocupacional, principalmente em seu trabalho atual. Este senhor sofre de câncer, mora junto com a esposa e um filho deficiente (que recebe aposentadoria e ajuda no trabalho da cata) em uma casa que comprou na Vila dos Pescadores, mas que não possui escritura.

ocupados “informalmente”, sendo poucos os casos que estiveram ocupados sobre algum período protegido por relações empregatícias salariais e com jornada de trabalho sistemática.

No caso da venda de produtos por catálogo da Avon, embora ela surja como uma ocupação composta por pessoas com um poder aquisitivo de renda maior que a dos(as) catadores(as) de recicláveis, cabe lembrar que também se trata de uma ocupação informal e precária, a qual identificamos como também composta por muitos trabalhadores egressos do campo, com baixa escolaridade e com uma alta faixa etária.

Quando estas trabalhadoras foram instigadas a falar sobre elas mesmas, começam se lembrando da trajetória dos próprios pais. A respeito disto, a experiência de Camila, 53 anos, natural de Biópio-PR, nos apontou o quanto alguns trabalhadores rurais se deslocaram por cidades do Paraná em busca de melhores condições de trabalho. Conforme Camila, ela e sua família moraram em:

[...] Biópio, Cornélio Procópio, Sertaneja, é perto de Londrina, que é a capital ali. A gente morou tudo perto daquela região de Londrina. A gente mexia com o café; por isso que, depois, nós mudamos para Terra Rocha. Ali em Terra Rocha a gente tinha 10 alqueires de café, trabalhava com lavoura e eu ajudava. Depois a gente foi ficando velha, fomos casando, daí meu pai vendeu pro cunhado e vivia dos juros [...]. (informação verbal)<sup>17</sup>.

Durante sua infância e juventude, Camila ajudou a família na colheita do café, e outras tarefas oriundas de tal tipo de cultivo. Há aproximadamente 20 anos, já trabalhava com a venda de Avon e Natura, mas sem ter nela sua principal fonte de renda. Deste de 2006, a venda de diversos produtos, entre eles Tupperware, Hermes, Quatro Estações, Natura e Avon, tem sido seu principal meio de sobrevivência, trabalhando, também, quando possível, como diarista e lavadeira. Sua fala revelou uma trajetória marcada por muitas ocupações, sendo algumas provisórias e percebidas como precárias:

[...] Naquele tempo, não tinha serviço pro meu marido lá (no sítio), ele veio pra cá pra trabalhar de taxista e eu fui trabalhar na (fábrica de sorvetes), [...] daí, eu fiquei desempregada um tempo, depois eu entrei na (empresa de transportes). Trabalhei lá uns dez anos, e continuei vendendo esses produtos. Desde lá eu não arrumei mais emprego. Já tentei pegar um comprovante do sítio pra poder aposentar, mas eu não consegui porque meus pais já morreram e não deu pra pegar um papel na prefeitura [...]. Ah, toda vida eu trabalhei lavando roupa, sempre trabalhei. Trabalhei minha vida inteira. Só com a venda dos produtos não dá não pra se manter. Tinha dois que eu lavava que era fixo, onde eu mudava eu tinha que dar o endereço que o povo levava a roupa lá. Agora é difícil conseguir lavar roupa [...]. (informação verbal)<sup>18</sup>.

Este trecho da entrevista indicou muitas perdas vivenciadas pela trabalhadora num contexto de importantes mudanças no mundo dos trabalhadores. No trabalho rural junto à família, Camila exerceu tarefas para ajudar na sobrevivência de todos, até que a pequena propriedade dos pais tornou-se insuficiente para isso. A passagem de trabalhadora rural para lavadeira e faxineira demonstrou que o aprendizado construído ainda quando criança junto à execução de trabalhos domésticos com a família, de certo modo contribuiu para que Camila conseguisse se inserir em uma ocupação quando se mudou para a cidade acompanhando o marido na busca por trabalho. Em suas falas, ela justifica sua impossibilidade de realização do trabalho de doméstica, ocupação em que o desgaste físico sofrido ao longo de sua trajetória de trabalho, não permitiu a ela realizar tal tarefa na mesma intensidade que é exigida atualmente.

[...] na (empresa de transportes) tinha que lavar tudo aqueles ônibus e limpar tudo, eu pegava muita friagem, a mão e o pé ficavam mortos, fica que você não sente porque a maioria da limpeza faz quando vem amanhecendo. Era muita friagem, aqueles sabões e ácidos dali

---

<sup>17</sup> Camila identificou-se mais como “Consultora da Natura”. Entrevista gravada em Guaíra em 25 de maio de 2007.

<sup>18</sup> Camila. Idem.

acabam com a gente. Eu limpava tudo, era oito, nove ônibus por dia, mais os quartos e os banheiros dali. Tudo tinha que lavar. É, ali era puxado pra caramba, não é qualquer um que fica ali não! Mulher não aguenta trabalhar ali não. A mulher que está ali agora, falou que já fazia um ano que tava lá e não via a hora de sair. Eu falava: Oh loco, eu fiquei dez anos aí! Era serviço pra cachorro. Lá foi o único registro que eu tive na carteira, foi dez anos, só que como eu estava vendendo produto lá o gerente não aceitou, e em vez de falar pra mim, me mandou embora sem falar comigo que era por isso [...]. (informação verbal)<sup>19</sup>.

Camila enfatiza que suportou as péssimas condições de trabalho vivenciadas na empresa que esteve registrada, porque este trabalho não significava apenas um meio para garantir o sustento dos filhos, mas também porque contava com um trabalho com carteira registrada, salário e jornada fixa que pudesse vir a contribuir com suas expectativas com relação à aposentadoria. Ou seja, para ela, este trabalho tinha um sentido importante, a saber, criar condições para garantir suas necessidades de sobrevivência após seu envelhecimento. É com muita angústia e receio que ela justifica a perda de sua ocupação na empresa de transportes devido à execução de outro trabalho, que é a venda dentro do espaço que ela estava empregada.

Embora Camila tenha continuado trabalhando com as vendas, ela reconhece as dificuldades enfrentadas para garantir sua sobrevivência com o trabalho de vendedora por catálogo. Também expressa a falta de expectativas de que esta ocupação possa lhe proporcionar uma aposentadoria. Nesse sentido, ela reivindica do Estado o reconhecimento de uma vida de trabalho, através da contabilidade do tempo de serviço como trabalhadora rural, uma categoria que, diferentemente das “vendedoras por catálogo”, já conquistou a possibilidade de acesso aos direitos trabalhistas.

Nas lembranças narradas por Silvana, 52 anos, nascida em Minas Gerais, foi possível observar aspectos semelhantes desse processo de mudanças no mundo dos trabalhadores vivenciado pelas vendedoras e pelos(as) catadores(as) de recicláveis. A longa descrição de sua trajetória ocupacional é expressiva.

Conforme Silvana, ela iniciou sua vida de trabalhadora rural aos cinco anos ajudando seu pai na colheita de feijão, vindo morar na área rural de Guáira aos onze anos de idade. Casou-se aos 17, aproximadamente em 1972, e continuou “trabalhando na roça”, até não ter mais condições de sobrevivência nesta ocupação. Em 1977, com 23 anos, foi morar na cidade, onde começou a trabalhar de lavadeira para diversas casas. Após algum tempo, continuou trabalhando de lavadeira e exercendo a mesma função em seu trabalho em um hotel, por mais de um ano. Depois, passou a trabalhar na lavanderia de outro hotel, onde permaneceu por 6 anos e meio e, junto a esta ocupação, começou a vender produtos por catálogo para os colegas de trabalho, continuando, também, “lavando roupa para fora”. Ao sair do emprego na lavanderia, ela trabalhou de empregada doméstica por mais 6 anos. Desde que começou a vender produtos da Avon, já na década de 1980, não parou mais. Há 4 anos, ela trabalha somente com a venda de produtos por catálogo de diversas empresas, tais como, Avon, Natura, Hermes, Quatro Estações e catálogos de roupas.

Da saída do campo para o trabalho na cidade, Silvana avalia quais foram as dificuldades e como o principal problema ligado à sobrevivência pelo trabalho foi resolvido. A exemplo de outras trabalhadoras que tomaram o rumo da cidade, Silvana encontrou ocupações associadas às tarefas que já exercia no campo, particularmente no espaço doméstico, tais como limpar, arrumar e lavar. Assim, o que apreendera na roça foi, ao mesmo tempo, o recurso de sobrevivência na cidade.

[...] Plantávamos lavoura, também trabalhava na roça, e todo mundo ajudando, era tudo pobre mesmo! Então, não tinha outro jeito, o jeito era trabalhar mesmo. Casei e fui pra roça mesmo, peguei e fui embora trabalhar! É minha filha, trabalhei na roça pro meu pai, depois casei e continuei trabalhando. E meu avô lá de Minas, foi ficando doente, tava ficando difícil, a gente precisava vir para a cidade e não tinha carro, não tinha nada e tinha que vir correndo com ele de lá pra cá. Aí foi que eu falei para o meu marido: olha, vamos embora, vamos dar um jeito diferente na nossa vida, porque não está dando não. Aí viemos pra cá, viemos pra

---

<sup>19</sup> Camila. Entrevista gravada em Guáira em 25 de maio de 2007.

cidade no dia que fizemos 5 anos de casados. Uhm! Cheguei e fui trabalhar! Nada de estudar, como sempre: trabalhar, trabalhar e trabalhar (Risos). Eu comecei a trabalhar de lavadeira, nossa, trabalhava e lavava. [...] eu trabalhava de casa em casa quando eu vim do sítio. E trabalhava, mas pensava assim: Será que eu vou conseguir lavar roupa pros outros? Porque eu nunca tinha lavado, não sabia, mas só que também lavava em casa, alguma coisa tinha que saber! [...]. (informação verbal)<sup>20</sup>.

Estas falas permitem que vejamos as mudanças no mundo dos trabalhadores sendo influenciadas por uma transformação na inserção do próprio capital na região, cujo desdobramento principal foi a inviabilização da permanência desses trabalhadores no campo e do trabalho independente. Assim, como muitas das trabalhadoras que perdem a condição de permanecer sobrevivendo do trabalho rural, Silvana, como ela mesma diz, tentou envolver-se em outros tipos de trabalho. Desta forma, ela menciona como seu aprendizado para o trabalho de lavadeira ocorreu em meio à educação recebida da família enquanto aprendia e exercia tarefas domésticas. Com a perda das condições de continuar vivendo do trabalho rural, ela começou a vender para terceiros um trabalho que antes era executado somente para as necessidades de sua família.

As entrevistas mencionadas mostram que elas percebem e reconhecem o seu início no trabalho ainda quando crianças, ao executarem tarefas que auxiliavam às dos adultos. Para estas entrevistadas, o trabalho é algo constante em suas vidas. É o meio pelo qual se percebem no mundo e constroem sua identidade. Para tanto, não interpretam a perda de um modo de vida e trabalho no campo e a vinda para cidade como uma mudança simples e fácil. Elas relatam suas dificuldades de conseguir se envolver em uma ocupação, realizando um trabalho que não estavam acostumadas a fazer para outras pessoas, ou mesmo de encontrar outras pessoas que precisassem pagar por sua força de trabalho.

Durante o período em que Silvana trabalhou de lavadeira neste hotel de luxo em Guaíra, relatou que também conciliava o mês de férias com o período da colheita de algodão:

[...] Olha só! Eu trabalhava no hotel, pegava férias e ia colher algodão. Eu já sabia das colheitas do algodão. Gostava demais de colher o algodão. E era assim, pegava férias e, viu que me dava só vinte dias de férias justamente no mês de março que eu sabia que tinha colheita de algodão. Eu ficava o dia inteirinho na colheita de algodão. [...] eu levantava cinco horas da manhã pra ir colher algodão. Eu pegava quinze dias na colheita de algodão, ganhava quase mais do que eu estar trabalhando de lavadeira na lavanderia sozinha. Eu parava e descansava cinco dias antes de entrar. Aí, depois que eu fui trabalhar lá com essa mulher, ela mandou eu pegar um guarda roupa que era muito pesado, tinha uma outra menina nova, mas só que não tinha noção, minha coluna deu um estralo tão grande e desse dia eu acabei! Acabou minha coluna! Pra mim carregar cinco quilos no braço eu não aguento. Aqueles baldes de água que eu gosto de juntar para economizar sabão eu não aguento carregar mais. [...] eu não sei, mas vida de doméstica acaba com a gente mesmo, eu trabalhei na casa dessa mulher, colhia algodão, [...] iche, agora acabou, agora, não teve jeito, não posso mais trabalhar pra fora assim. Então vai indo, a idade também vai chegando, fico cansada. Agora vou vender minhas coisas e pronto, acabou. Vou me sustentar assim mesmo [...]. (informação verbal)<sup>21</sup>.

A entrevistada oferece indícios de que vivenciou as mudanças no mundo dos trabalhadores como um sentimento de perda de um modo de vida e trabalho. Antes ela exercia suas tarefas no convívio com outros trabalhadores e em uma rotina de trabalho diferente, referindo-se ao trabalho sazonal como menos intenso do que o exercido na lavanderia do hotel. Silvana vivenciou uma longa trajetória marcada pelo trabalho rural e pelos trabalhos de lavadeira, doméstica e vendedora.

Isto lhe permite analisar que, mesmo quando ela estava empregada formalmente, ela realizava outros trabalhos, os quais eram considerados como parciais, tendo seu trabalho intensificado nos

---

<sup>20</sup> Silvana. Identificou-se mais como “Revendedora da Avon”. Entrevista gravada em Guaíra-PR, em 25 de maio de 2007.

<sup>21</sup> Silvana. Idem.

momentos que seriam de descanso para a reprodução da força de trabalho. Com o passar dos anos, junto a tal intensificação, veio a perda das condições de continuar exercendo trabalhos que precisam de muito esforço físico. Também menciona que, enquanto trabalhou no hotel, conheceu muitas pessoas e passou a levar para o trabalho os catálogos de produtos da Avon para que, nas horas de intervalo, pudesse vender produtos aos seus colegas no hotel. Nessas relações de vários trabalhos vivenciados por Silvana, mesmo ela tendo suas habilidades, sendo, “aparentemente”, desmerecidas em meio às mudanças no mundo dos trabalhadores, ela continuou a traçar uma narrativa sobre sua vida, construindo-a com base no trabalho.

A principal mudança no modo de vida de uma pessoa que estava acostumada a lidar com o trabalho rural e a conviver e compartilhar uma experiência de trabalho junto a outras pessoas ocupadas no mesmo espaço e função parece ser o seu oposto, isto é, submeter seu trabalho a outro e desenvolvê-lo, muitas vezes, individualmente, em um espaço desconhecido, estranho.

## **2 Considerações sobre as trajetórias comuns vividas por catadores de recicláveis e vendedoras por Catálogo**

As entrevistas realizadas com os(as) trabalhadores(as) fizeram com que refletissem e revissem alguns momentos que vivenciaram e vivenciam em suas vidas. Este exercício proporcionou, para alguns dos(as) trabalhadores(as), lembranças dolorosas ao retomarem no passado o esforço realizado ao longo de suas trajetórias ocupacionais, até os dias atuais, na incessante busca por condições de sobrevivência.

Os(as) entrevistados(as) sentiram muitos de seus saberes construídos ao longo de uma vida de trabalho no campo sendo desmerecidos ou desvalorizados quando se envolveram em ocupações na cidade. Entretanto, a passagem de trabalhadores(as) ocupados(as) no campo para a cidade foi, inicialmente, experimentada por parte deles(as) em trabalhos relacionados ao conhecimento construído no meio doméstico, onde utilizaram-se de um saber elaborado, particularmente, em meio às tarefas realizadas junto à família. Nesse sentido, este aprendizado foi um recurso de sobrevivência experimentado por eles(as) em ocupações na cidade.

O perfil destes trabalhadores entrevistados, com faixa etária acima de 40 anos, constituído por homens e mulheres em sua maioria de baixa ou nenhuma escolarização, indicaram uma experiência comum de trajetórias de trabalho no campo associadas ao sentimento de perda de um modo de vida. Nestas entrevistas, observamos que as falas referentes à estas trajetórias ocupacionais, com descrição de um longo período de trabalho em ocupações no campo, remetiam às décadas de 1970 e 1980. Em pesquisas sobre esse período<sup>22</sup>, analisamos como a mudança na configuração do capital, combinada à mudança do cultivo, reconfigurou o mundo dos trabalhadores e repercutiu na destruição das condições de sobrevivência e modos de vida vivenciados em ocupações no campo.

A identidade destes(as) trabalhadores(as) entrevistados(as) aparece sempre como algo em construção, de modo que eles(as) reconhecem que, embora tenham seus modos de viver e trabalhar alterados, continuam como trabalhadores(as), se fazendo, propondo e apreendendo sobre as novas formas de trabalhos geradas em meio a tais mudanças.

As mudanças ocorridas no mundo dos trabalhadores foram abordadas de forma analítica; como esses sujeitos foram, ao longo de suas trajetórias ocupacionais, “preparados” por condições históricas (observadas ao longo deste trabalho) para compor ocupações urbanas “informais”. No que se refere ao processo de expropriação de um modo de vida e de trabalho no campo experimentado por estes(as) trabalhadores(as), a reflexão de José de Souza Martins é válida, ao afirmar que “a sociedade capitalista desenraíza, exclui, para incluir. Incluir de outro modo segundo suas próprias regras, segundo sua própria lógica” (MARTINS, 1997, p. 1997). Estes(as) trabalhadores(as) vivenciam suas novas formas de trabalho dentro de um contexto de perdas em que este “novo modo de vida e de trabalho”, é

---

<sup>22</sup> BACKES, Gilson. **As plantações de hortelã e as dinâmicas socioculturais da Fronteira: memórias, trajetórias e estranhamento em Mercedes (Oeste do Paraná 1960 - 2009)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon, 2009.

vivenciado, por vezes, em piores condições que o anterior, o que, para Martins (1997), seria, de certa forma, uma “inclusão que também é excludente”.

Assim, esses(as) trabalhadores(as) passaram a perceber (dentre as condições atuais que vivenciam como força de trabalho) a falta de possibilidades de ingressarem em ocupações urbanas com jornada de trabalho sistemática e com renda fixa, devido a não possuírem habilidades de trabalho para essas ocupações, baixo grau de escolaridade e pela idade avançada. Esta percepção, apresentada por muitos dos pesquisados, refletiam a própria consciência marcada pelas dificuldades encontradas ao passarem por algum tipo de seleção prévia na tentativa de um espaço no mercado de trabalho. Portanto, a cata de recicláveis e a venda de produtos por catálogo podem ser verificadas como atividades que não se apresentam marginais ou periféricas à produção capitalista, mas, integrada completamente ao processo de acumulação, mesmo que não seja uma ocupação exercida com relações sociais de trabalho encontradas na contratação formal.

## Referências

BACKES, Gilson. **As plantações de hortelã e as dinâmicas socioculturais da Fronteira: memórias, trajetórias e estranhamento em Mercedes (Oeste do Paraná 1960 - 2009)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon, 2009.

BOSI, Antônio de Pádua. A organização capitalista do trabalho “informal”: o caso dos catadores de recicláveis. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 23. n. 67, 2008.

BOSI, Antônio; VARUSSA, Rinaldo José. Trabalhadores e trabalho no Oeste do Paraná: Trajetórias de pesquisa. In: ALMEIDA, P. et al. **História, Poder e Práticas Sociais**. 1. ed., Cascavel: Edunioeste, 2006.

FIOROTTI, Cíntia. **Mudanças no Mundo dos Trabalhadores: Um Estudo Sobre as Vendedoras de Produtos por Catálogo Avon e Natura**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon, 2009.

\_\_\_\_\_, Cíntia. **Catadores de Recicláveis no município de Guaíra-PR (1970 a 2006)**. Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, Colegiado do Curso de História. 2006.

PELISSER, Sônia. **Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis: um estudo sobre a precarização e a organização do trabalho em Foz do Iguaçu/PR (1990-2009)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon, 2010.

MAGERA, Márcio. **Os Empresários do Lixo**. São Paulo: Editora Átomo, 2003.

MARTINS, José de Souza. **Exclusão Social e a Nova Desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na história oral: a pesquisa como um experimento de igualdade. **Revista Projeto História**, São Paulo, PUC/SP, n. 14, p. 7-23, fev. 1997.

PRANDI, Reginaldo. **O Trabalhador por conta própria sob o Capital**. São Paulo: Edições Símbolo, 1978.